



AS CONTRIBUIÇÕES DE MARTINHO LUTERO PARA AS ORIGENS DA ESCOLA PÚBLICA NA ALEMANHA (1524-1530)

MARTIN LUTHER'S CONTRIBUTIONS FOR THE ORIGINS OF PUBLIC SCHOOLS IN GERMANY (1524-1530)

Rodrigo Augusto de Souza¹
Leonora Maria Lahr²

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo sobre os subsídios da obra de Martinho Lutero (1483-1586) para a criação da escola pública na Alemanha do século XVI. Procura-se compreender o papel de Lutero na cultura alemã e como se deram as condições históricas e sociais que permitiram a aceitação e implantação ampla de sua proposta educativa. Por intermédio de pesquisa apoiada na historiografia, busca-se apresentar o conceito de educação na obra de Lutero, sua ideia de organização de um sistema escolar público e gratuito, alguns aspectos não só do currículo escolar proposto por ele, e bem como dos objetivos da educação e da escola que propôs e pelo qual trabalhou. Em face disso, os temas da educação são simultaneamente importantes e periféricos nos estudos de Lutero, no sentido de que a escola se insere em um lugar subordinado ao da teologia e religião luteranas e, sobretudo, identifica o legado de Lutero à modernidade ao elaborar e defender a ideia de escola pública, gratuita e de direito.

Palavras-chave: Martinho Lutero; Reforma Protestante; Educação; Escola.

ABSTRACT: This article presents a study on the subsidies of the work of Martin Luther (1483-1586) for the creation of public schools in Germany in the 16th century. It seeks to understand the role of Luther in German culture and how the historical and social conditions that allowed the acceptance and wide implementation of his educational proposal occurred. Through research supported by historiography, we seek to present the concept of education in Luther's work, his idea of organizing a free public school system, some aspects not only of the school curriculum proposed by him, as well as the objectives of the education and the school he proposed and worked for. In view of this, the themes of education are simultaneously important and peripheral in Luther's studies, in the sense that the school is placed in a subordinate place to Lutheran theology and religion and, above all, identifies Luther's legacy to modernity by elaborating and defend the idea of public, free and legal school.

Keywords: Martin Luther; Protestant Reformation; Education; School.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca investigar por meio de pesquisa historiográfica as elaborações de Martinho Lutero (1483-1586) sobre a educação e a escola. Procura,

¹Rodrigo Augusto de Souza; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, rodrigo.augusto@ufms.br

²Leonora Maria Lahr; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, leonoralahr@gmail.com



especificamente, compreender e explicar o conceito de educação traçado indiretamente por Lutero em seus escritos e por intermédio do qual trabalhou suas recomendações para a construção de um sistema escolar na Alemanha. O empenho luterano pela educação passou pelo estabelecimento de bases para a organização da escola e do currículo com ênfase em objetivos formativos sociais e religiosos.

Dois textos fundamentais da obra de Lutero³ versam de modo enfático acerca da educação: *Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs* (*An die Ratsherren aller Städte deutschen Landen, dass sie christliche schulen aufrichten und erhalten sollen*), de 1524; e *Uma prédica para que se mandem os filhos à escola* (*Eine Predigt, dass man Kinder zur Schule halten solle*), de 1530. Um ponto a ser ressaltado a respeito da utilização desses textos na construção do trabalho consiste no fato de serem empregados em duas traduções diferentes, uma de 1995, publicada no quinto volume da maior fonte da obra de Lutero em língua portuguesa: a coleção *Obras Seleccionadas*; e a outra de 2000, na coletânea *Lutero Para Hoje*.

Não faltam biógrafos de Lutero. É bem verdade que dada a vastidão dessa figura e sua importância histórica, muitas pessoas se propuseram e ainda se propõem a narrar essa história, de várias maneiras e sob diversos enfoques. O historiador Lucien Febvre foi autor de uma das principais biografias de Lutero intitulada *Martinho Lutero, Um Destino* (2012), cuja significativa característica reside na ênfase do contexto do personagem em questão. Visto que Febvre também escreveu livros referentes à história da Europa e, assim, auxiliou para a compreensão do personagem em seu tempo. Além disso, como ele mesmo relatou, propôs-se a “descrever o Reformador, traçar seu retrato fiel e sintético, sem [...] a palavra ‘certeza’ em um assunto como esse” (FEBVRE, 2017, p. 49). Isso é essencial na medida em que busca mostrar o personagem e as suas contribuições em sua originalidade e em seus limites.

Primeiramente, apresenta-se a figura de Lutero, a Reforma Protestante e o contexto histórico, e como as contribuições de Febvre (2017), Delumeau (1989) e Nichols (2017) se complementam com o objetivo de caracterizar tanto o personagem quanto a sociedade em que se insere. A fim de entender e explicar a proposta de Lutero relacionada à educação, à organização da escola e aos seus objetivos formativos, utiliza-se como base principal as considerações feitas pelos pesquisadores da Reforma Protestante: Jardimino (2009), Toledo (1999) e Beck (1988). Para tratar de um dos maiores legados de Lutero à

³ Os quais estão no montante dos traduzidos para a língua portuguesa.



modernidade, e saber sobre a sua defesa do direito à educação pública mantida pelo Estado, usa-se as contribuições de Barbosa (2011) para subsidiar essas elaborações.

Estudar as contribuições de Lutero para a educação revela-se imprescindível tendo em vista a sua proposta revolucionária em seu tempo e as considerações por ele desenvolvidas fundamentam a ideia de escola – como um direito, pública e gratuita – como hoje se conhece. Conforme afirma Jardimino (2009, p. 50), *“se tivermos que fazer um manifesto sobre a urgência e a defesa da escola pública, gratuita e universal, não devemos ter senões em utilizar suas reflexões e consignas”*, referindo-se sobre a atualidade da concepção de Lutero. Dessa forma, a relevância do assunto pesquisado reside na relevância presente na proposta educativa de Lutero, e nos impactos ideológicos e sociais disso sobre o seu tempo e seu contexto.

LUTERO: SUA OBRA EM SEU TEMPO

Martinho Lutero compreende um desafio a qualquer um que pretenda ser breve na abordagem de sua vida e obra, esta última que, inclusive, por sua vastidão ainda não foi completamente compilada. Nas palavras de Ebeling (1988, p. 138), *“sua trajetória teve consequências que transformaram o mundo”*. Frade, professor, desertor, pregador, ícone histórico e um sem-fim de outros títulos cabem à sua pessoa.

Segundo a cronologia de sua vida elaborada por Stephen Nichols (2017), Martin Luther (1483-1546) nasceu provavelmente em 10 de novembro de 1483, na cidade de Eisleben, na Alemanha, filho de Margaret e Hans Luther, que era minerador de cobre. Dessa forma, o pai proveu para o filho condições para que frequentasse a escola nas cidades de Mansfield, Magdeburg e Eisenach, onde estudou, dentre outras coisas, latim e fez a opção pela versão latinizada de seu nome, com a qual se identificou em suas obras e pelas quais ficou conhecido, Martinho Lutero.

Lutero passou por renomadas escolas ao longo de sua formação acadêmica, fato que refletiu direta e evidentemente em sua produção intelectual, desde o monastério de Magdeburg, conhecido por ser mantido pela Ordem Agostiniana a qual pertenceu Tomás de Kempis (1379-1471), da graduação até o mestrado em Artes, em Erfurt. Cabe mencionar que os estudos eram financiados pela família dele que desejava sua graduação em direito. Conforme abordado por Dreher (1988), por circunstâncias adversas, sobre as quais há diferentes relatos, e contrariando a família, Lutero abdicou dos estudos jurídicos e, em 1505, ingressou no Convento Negro dos Agostinianos Eremitas, na cidade de Erfurt,



para se tornar padre.

Após alguns anos, Lutero foi enviado para a Universidade de Wittenberg como professor e acadêmico, onde permaneceu até 1509, quando retornou a Erfurt na condição de professor. Conforme indicado por Delumeau (1989, p. 275), provavelmente em 1511, Lutero foi enviado com outro monge para uma peregrinação em Roma e, desse episódio, teria retornado desgostado, pois havia se decepcionado com o que encontrou na cidade eterna. Ao voltar para Wittenberg, recebeu o título de doutor em Teologia, em 1512, e se tornou professor da disciplina, cadeira que manteria por 34 anos, até a morte, de acordo com Lawson (2013).

A influência da iniciativa humanista de retorno às fontes deu um foco para Lutero e se tornou não somente uma característica da sua obra, como também uma marca central do seu trabalho e o motor da sua produção. Inspirado pelo *Ad Fontes*, somado às suas percepções nada positivas a respeito do *modus operandi* da Igreja Católica em sua visita a Roma, Lutero redigiu o que Febvre (2017, p. 112) chamou de uma Manifestação. Essa configurava-se em uma série de declarações: uma publicação que ficou conhecida como *As 95 Teses*. Nelas, Lutero denunciava a corrupção da Igreja, a venda de indulgências (um dos principais pontos de sua divergência com Roma), e o distanciamento entre a prática católica e o texto bíblico.

Conforme indica Febvre (2017, p. 107), Lutero teria fixado esse documento na porta da igreja do castelo de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517. Esse evento se tornou decisivo a ponto de marcar o aniversário da Reforma Protestante, por ser considerado o estopim do movimento que provocou impactos religiosos e sociais.

A publicação das teses de Lutero repercutiu. Febvre (2017, p. 116) relata que “em poucos dias, as 95 teses, reimpressas, traduzidas em língua alemã, difundidas em todos os círculos, traziam até o monge, para sua imensa surpresa, o eco de uma voz”. A voz em questão foi a convocação de Roma, em 1519, para tratar da publicação e das ideias de Lutero. Ao comparecer, ele debateu e foi considerado herege. Poucos anos depois, em 1520, a bula do papa Leão X o declarou inimigo da Igreja e lhe deu sessenta dias para se retratar, sob pena de morte. Vencido o prazo, Lutero foi excomungado quando queimou publicamente a bula *Exsurge*, segundo as explicações de Febvre (2017, p. 187).

O evento que selaria o divórcio entre Lutero e a Igreja Católica seria a Dieta de Worms, a qual ele compareceu em abril de 1521, sob a proteção do nobre Frederico, o



Sábio⁴, seu amigo e financiador. A Dieta Imperial⁵ na cidade de Worms foi supervisionada por Carlos V, imperador romano, e contou com a presença de nobres alemães e representantes da Igreja Católica. Em Worms, Lutero foi inquerido sobre a sua retratação, e teria ali proferido um de seus discursos mais conhecidos⁶, no qual afirmou que não o faria caso não fosse convencido pela Bíblia (mais tarde o princípio por trás dessa declaração se tornaria um dos cinco *Solas*⁷ da Reforma Protestante: *Sola Scriptura*). Conforme apontado por Febvre (2017, p. 224), como resultado “o édito de Worms, de 26 de maio de 1521, transforma-o em inimigo público”, tendo em vista que

Exilado do Império, Lutero não devia ser recebido por ninguém. Reconhecido, podia ser morto não importa por quem, ou pelo menos entregue à justiça. Mais precisamente antes de o édito ter sido publicado, alguns cavaleiros enviados por Frederico, o Sábio, apoderaram-se do reformador que se afastava de Worms e conduziram-no sob escolta ao castelo de Wartburgo. Aí ficou, sob o nome de cavaleiro Georges, até 6 de março de 1522 (DELUMEAU, 1989, p. 98).

Os meses de exílio foram intensos no que se refere à produção de Lutero: no castelo de Wartburg, ele redigiu sermões para as igrejas e manteve uma correspondência com Wittenberg. Febvre (2017, p. 220) esclarece que, nesse período, Lutero também trabalhou na tradução da Bíblia em alemão por ter uma preocupação com o acesso, por parte dos fiéis, ao texto bíblico em sua língua vernácula. Neste sentido, a tradução da Bíblia constituiu em uma parte importante de sua obra, pois representou uma das maiores e mais visíveis contribuições de Lutero para a cultura alemã.

A Alemanha naquela época era bastante diferente da nação de hoje. Febvre (2017, p. 140) evidenciou isso ao relatar uma “Alemanha composta de vinte Alemanhas”, uma alusão ao fato de que o território alemão não tinha uma organização nacional estabelecida e se configurava mais como uma união de reinos independentes, a tal ponto de ser possível

⁴ Frederico, o Sábio, ou Frederico III era príncipe da Saxônia, um dos estados da Alemanha e fundador da Universidade de Wittenberg (1502). Frederico usou sua influência social para proteger Lutero e foi um dos maiores mantenedores dele e de sua família.

⁵ A Dieta Imperial correspondia a uma reunião de nobres e representantes do clero a fim de tomar decisões deliberativas sobre assuntos de interesse do Reino.

⁶ O discurso da consciência cativa à palavra é uma das preleções mais famosas e amplamente reproduzidas de Lutero, constando com poucas divergências de texto nas documentações de testemunhas da Dieta de Worms.

⁷ Os 5 Solas da Reforma são um conjunto de expressões em latim que formam um resumo da doutrina cristã, segundo o protestantismo tradicional: *Sola Gratia*, *Sola Fide*, *Solus Christus*, *Soli Deo Gloria* e *Sola Scriptura*. Não surgiram necessariamente no contexto da Reforma Protestante, foram paulatinamente convencionados pelos protestantes no período da Contrarreforma, como forma de reação e reafirmação.



afirmar que a figura do imperador “não passava de nome” (FEBVRE, 2017, p.120), e que “os príncipes tinham, em relação ao imperador, imensa superioridade” (FEBVRE, 2017, p. 121). Para compreender isso é preciso levar em consideração que, em termos históricos, a Europa deixava o feudalismo, estava sob as influências transformadoras do Renascimento e vivia um momento de mudanças expressivas em sua identidade social.

Para Febvre (2017, p. 122), embora a burguesia estivesse em ascensão e as riquezas de “suas indústrias, suas artes, seus trajes, seu espírito” fizessem das capitais regionais alemãs “um esplendor”, a organização geopolítica da Alemanha era atrasada para o panorama europeu. Enquanto os países vizinhos possuíam fortes impérios unificados em território e cultura, a Alemanha se colocava em uma posição vulnerável por sua desarticulação como um todo.

Febvre (2017) trouxe fatos importantes da caracterização do país de Lutero – que estabeleceram as condições pelas quais a sua atuação fez tanto sentido socialmente à sua época – quando pontuou que

A Alemanha era um país sem unidade: aí está o essencial. Havia alemães fortes, ativos, muitos alemães que falavam dialetos próximos uns dos outros e tinham, em ampla medida, usos, costumes, maneiras de ser e pensar em comum. Esses alemães compunham uma “nação” no sentido medieval do termo. Não se encontravam todos agrupados, firmemente em um Estado bem unificado e centralizado, corpo harmonioso para movimentos comandados por um único cérebro. Em uma Europa que, em toda parte, se organizava em torno de reis, a Alemanha permanecia sem soberano nacional. [...] Em tais cidades populosas, ruidosas, gloriosas, uma prosperidade inédita se alimenta em todas as fontes. Uma atividade e robustez incomparáveis. [...] Fragilidade, sob ares de prosperidade; surpreendente fragilidade política, em contraste com tal poderio econômico (FEBVRE, 2017, p. 120).

Febvre (2017, p. 130) expressa: “anárquica em suas formações políticas, a Alemanha de 1517 não o era menos em suas concepções morais”, pois o espírito do capitalismo nascente inaugurava uma nova mentalidade sobre o lucro, o trabalho e o dinheiro. No entanto, essa ideia estava carregada de pressupostos, anseios e questionamentos:

Ora, no início do século XVI, os burgueses da Alemanha, sobretudo os comerciantes, começam a ganhar dinheiro, muito dinheiro. E [...] as velhas defesas, ditadas pela Igreja, guardiã das tradições e da



antiga moral, oprimem a todos com um peso incômodo. Eles não gostam da Igreja. Ela os atrapalha, cerceia-os [...]. Cada um por si, na luta econômica, em relação ao concorrente, em relação à fortuna. Igualmente, porém, com relação a Deus. Esses padres, esses religiosos que se interpõem entre o homem e a divindade; esses monges, essas freiras que se retiram do século consagram-se a uma vida repleta de austeridades com a ideia de que Deus aplicará aos outros homens o benefício e os méritos do seu sacrifício: o comerciante enriquecido de Nuremberg não mais os entende. [...] Eles que trabalhem em vez de receberem o dízimo daqueles que se empenham e laboram. [...] Perante Deus o homem há de responder por seus atos (FEBVRE, 2017, p. 130).

Traçado esse panorama da Alemanha de Lutero, fica mais fácil compreender como, em pouco tempo, ele se transformou, nas palavras de Febvre (2017, p. 119), em “herói nacional”. A respeito disso, Barbosa (2011, p. 874) elucida “essa (des)organização do território alemão contribuiu para a atuação de Lutero no movimento da reforma”. À medida que as inquietações culturais, sociais, políticas e religiosas dos alemães e seu país são respondidas pela iniciativa reformista na pessoa de Martinho Lutero que, por sua vez, representava alguém “demasiado alemão” (DELUMEAU, 1989, p. 114),

A proposta da Reforma Protestante da qual Lutero é o grande representante atende a anseios generalizados das mais diversas ordens. Isso explica tanto a vastidão de temas de sua obra quanto a aceitação geral da pessoa de Lutero e seu programa “de reformas políticas, econômicas e sociais” (FEBVRE, 2017, p. 180).

Assim, a Alemanha do início do século XVI se torna a Alemanha de Lutero, os alemães se tornam luteranos: religiosidade e nacionalidade se convertem em sinônimos nesse contexto. Delumeau (1989, p. 94) explicita que os intelectuais religiosos viam em Lutero “um libertador da vida religiosa” e aderiam às suas doutrinas. Nesse mesmo movimento, a burguesia e os líderes alemães viam no luteranismo uma religiosidade atualizada e se inclinavam à Reforma. Paulatinamente, as cidades alemãs se declaravam luteranas e o luteranismo extravasava também para outros países.

As preocupações de Lutero na Reforma Protestante mostraram, dentre outras coisas, alguns indícios de modernidade em sua obra à sua época e o transformaram em uma das personalidades mais relevantes da cultura de seu país. Suas publicações, o luteranismo e a proposta reformista como um todo, endossaram na opinião pública “uma imensa onda de nacionalismo germânico” (FEBVRE, 2017, p. 156). Uma das maiores contribuições de Lutero para a formação de uma identidade nacional alemã é a tradução



da Bíblia para o alemão em termos linguísticos, e também explica a posterior ênfase das línguas na proposição curricular que Lutero elaborou. Sobre isso, Delisle e Woodsworth informam que

O desejo de chegar a uma língua nacional unificada era expresso em diferentes graus pelas várias classes sociais, sendo especialmente forte na classe média em ascensão. Lutero respondeu a essa necessidade de comunicação na medida em que procurou empregar formas de linguagem que gozavam de ampla utilização regional e também tivessem extensa base social (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 59).

A respeito das contribuições de Lutero para os novos tempos que se inauguravam, Toledo (1999, p. 133) discorre não somente que a ênfase na individualidade, dada pelo movimento da Reforma, bem assim como a ideia luterana de uma “nova forma de religiosidade era típica, necessária e adequada aos novos tempos (capitalismo), pois passava a valorizar mais o espírito empreendedor e a livre-iniciativa, característicos do pensamento burguês que emergia naquela época”. Desse modo, nas palavras de Menezes (2005, p. 55), “Lutero atendeu a emergência de um novo tempo”.

A EDUCAÇÃO NA OBRA DE MARTINHO LUTERO

Antes de mais nada é necessário ressaltar que o próprio Lutero não estabeleceu em sua obra o tema da educação como um objeto central tampouco como uma das suas preocupações mais enfáticas. Ao analisar a lógica através da qual Lutero estabeleceu a educação como uma necessidade, pode-se concluir que ele elaborou uma proposta simultaneamente teológica e educativa: teológica enquanto serve à religião, e educativa enquanto influencia a sociedade. No que se refere à contribuição dada para a educação em termos sociais, percebe-se que esta se desenvolveu na medida em que a sua atuação como reformador religioso expandiu sua influência para reformador social, como explica Beck (1988). No tocante a essa lógica pela qual o conceito de educação é estabelecido no pensamento de Lutero, Toledo (1999, p. 133) relata que “a educação, para Lutero, sempre está entre o poder espiritual e o poder temporal. É uma espécie de elo que liga esses dois poderes”.

Uma das concepções teológicas centrais da obra de Lutero consiste na doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes. Essa ideia demonstrou ser a pauta de relevo para



os primeiros reformadores. Afirmar que o sacerdócio, ou seja, o ofício religioso, seria tanto universal quanto para todos os crentes, condensava a ideia de autonomia dos indivíduos com relação à sua salvação, retirando do caminho a Deus a necessidade de intermediadores como os que compunham o clero religioso da época de Lutero, bem como indulgências e penitências. Sobre esse assunto, Toledo (1999, p. 133) salienta que “ao eliminar o ofício sagrado do sacerdócio, transformou todo crente em sacerdote, horizontalizando uma relação religiosa com o sagrado. Relação essa que, no catolicismo, é mediada pelo clero especializado”.

Evidentemente que para exercer seu sacerdócio o indivíduo necessitava de meios autônomos para o exercício religioso, nesse caso específico: ler a Bíblia. Portanto, havia necessidade de ser alfabetizado e, para que a perspectiva reformada alcançasse o maior número de pessoas possível, era preciso alfabetizar em massa, ou seja, eram necessárias as escolas. Então, surge da doutrina teológica a necessidade educativa que a serve e para qual Lutero trabalhou.

Também é necessário considerar que, embora a elaboração de uma proposta educativa por parte do movimento reformista fosse essencial e primordialmente também religiosa, era êmula, pois como expressa Jardimino (2009, p. 31), “as doutrinas pedagógicas do período, foram, na verdade, criadas em antagonismo às anteriores”. Havia, por parte dos intelectuais do período, uma busca não só por novas concepções, mas pelo abandono das antigas. Neste sentido, o movimento protestante foi feliz nesse “combate”, na medida em que a escola proposta por Lutero, suas inferências sobre o currículo e o projeto educacional da Reforma como um todo se configuraram como “um arcabouço do projeto educacional da modernidade” (JARDILINO, 2009, p. 48).

EDUCAÇÃO: DIREITO DE TODOS E DEVER DO ESTADO

Dentro do que Beck (1988, p. 85) chama de uma “carta aberta aos prefeitos das cidades alemãs”, Lutero expôs suas ideias sobre o panorama da educação na Alemanha à sua época. O texto intitulado *Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas* (1524) é uma recomendação de Lutero na qual argumentou a favor da fundação e manutenção de escolas públicas cristãs junto aos líderes municipais. O endereçamento das cartas mostra-se estratégico tendo em vista “o evidente propósito de angariar apoios poderosos para suas causas” (TOLEDO, 1999, p. 132).

A escola defendida nos textos escritos por Lutero corresponde a um marco



histórico: pública, gratuita e para todos. Sobre a importância disso, Jardimino (2009) menciona que “Lutero é a primeira voz que se levanta em favor de uma educação pública, gratuita”, enfatiza, assim, a relevância de suas elaborações. A respeito da atualidade da contribuição de Lutero, Barbosa (2011, p. 882) pondera que “à mudança estrutural da educação escolar, é o fato de a Reforma ter contribuído para um processo de secularização da educação” ao atribuir ao Estado a responsabilidade pela fundação, manutenção e organização de um sistema educacional.

Em linhas gerais, Lutero (2000) expôs sua opinião sobre o sistema educacional do contexto dos destinatários de sua carta ao afirmar: “em primeiro lugar, notamos hoje em todas as regiões da Alemanha que as escolas estão abandonadas. As universidades são pouco frequentadas. Os conventos estão em decadência. [...] Fica claro que esse sistema é muito acristão e tem em vista somente a barriga” (LUTERO, 2000, p. 8). Com a colocação “somente a barriga”, Lutero fez uma crítica aos que enviavam os filhos a instituições de formação para receberem sustento material. Ele chegou a se referir a isso como “expulsá-los de casa e deixar que vivam às custas de estranhos” (LUTERO, 2000, p. 9).

Uma figura bastante presente nos textos de Lutero, com a qual reforçou seus argumentos a fim de convencer o público daquilo que advogou, foi o diabo. Em face disso, mencionou muitas vezes deste que faz parte do arquétipo de entidades religiosas do cristianismo como inimigo da Igreja. No texto de 1524 sobre a educação, estabeleceu críticas à lógica do sistema educacional da sua época e afirmou que se tratava de uma obra do diabo.

Como forma de combater essa ideia, segundo ele, diabólica, e de chamar à responsabilidade as autoridades para quem Lutero destinara à carta, sua argumentação revela-se enfática e intensa. Para ele, as autoridades “deveriam manter escolas para educar as crianças, pois a estas foram confiados os bens e serviços da vida da cidade; e isso é um dom de Deus” (JARDILINO, 2009, p. 49). Levando em consideração o momento histórico de Lutero, pode-se assegurar que sua proposta de educação pública é bastante inovadora, pois atribuir a função de manter um sistema educacional ao Estado compreende uma invenção reformista ousada.

Ao longo da carta, Lutero destacou desde pressupostos curriculares, passando pela ideia de investimento a longo prazo, vida cristã, evangelho, trabalho e até bibliotecas como pontos fundamentais a serem considerados por seus interlocutores na tarefa de educar a população de suas cidades. Por outro lado, Lutero também conclamou os alvos



de sua mensagem a destinarem dinheiro em favor da manutenção de escolas públicas cristãs municipais que operariam para o bem coletivo da cidade.

Tendo por finalidade convencer os gestores municipais da necessidade de enviarem quantias em dinheiro para o sustento financeiro do seu projeto e também, evidentemente, atacar a sua inimiga, a Igreja Católica, Lutero considerou que

Cada cidadão também deveria pensar o seguinte: Até agora gastei inutilmente um monte de dinheiro e bens com indulgências, missas, vigílias, doações, heranças, missas anuais em memória de alguém, ordens religiosas, fraternidades, peregrinações e um bocado de outras coisas desse tipo. Agora estou livre dessa ladroeira e doações no futuro, graças a Deus. Daqui em diante ele pode doar, como agradecimento e para a glória de Deus, parte disso para a escola, para educar crianças pobres, onde está empregado tão bem. Se não tivesse aparecido essa luz do Evangelho e não tivesse libertado disso, ele teria sido obrigado a doar eternamente não menos do que dez vezes isso ou mais aos ladrões, sem nenhuma recompensa (LUTERO, 2000, p. 12).

Ao utilizar a sua carta como arma ideológica no contexto do combate entre protestantismo e catolicismo na Europa, em uma perspectiva de reforma, Lutero defendeu a ideia de que as universidades, os conventos e os espaços de formação católicos se tornassem escolas cristãs – o termo “cristãs” entenda-se aqui como protestantes – visto que, nas palavras de Lutero (2000, p. 13), nos conventos não se aprendia nada, “a não ser ficar burro, grosso e estúpido” e, portanto, seu desejo era que “essas cocheiras e escolas do diabo [...] sejam transformadas em escolas cristãs” (LUTERO, 2000, p. 14).

Um dos pontos principais da carta, tratado por Lutero logo no início desta, aborda a necessidade de investimento na educação. Em sua argumentação mostra os fatos e contrapontos, além de mencionar a necessidade de remunerar bons professores:

Caros Senhores. Anualmente é preciso levantar grandes somas para armas, estradas, pontes, diques e inúmeras outras obras semelhantes, para que uma cidade possa viver em paz e segurança temporal. Por que não levantar igual soma para a pobre juventude necessitada, sustentando um ou dois homens competentes como professores? (LUTERO, 1995, p. 305).

Tendo em vista que o presente trabalho se propõe a apresentar, investigar e discorrer sobre o tema da educação, vale observar como as obras interpretadas enxergaram os



sujeitos fundamentais do processo educativo, ou seja, professor e aluno. Mais especificamente, em relação ao professor, Lutero não se dedicou muito a descrevê-lo nem qualificá-lo. Em poucas linhas, tangenciou que “para ensinar e educar bem crianças é necessário gente especializada” (LUTERO, 2000, p. 18), e o professor deve ser um “homem competente” (LUTERO, 2000, p. 21).

Apesar de ter escrito pouco sobre o professor, é possível perceber que via a importância desse. Ao escrever sobre a carga horária que a escola regular deveria oferecer por dia, relatou que “é necessário proporcionar um estudo mais prolongado e intensivo para as figuras de destaque, das quais se espera que saiam pessoas qualificadas para os cargos de professores, pregadores e outras funções [...] é preciso destiná-las exclusivamente ao estudo” (LUTERO, 2000, p. 39, grifo nosso). Considerando a atividade docente, Lutero (1995, p. 359) criticou a desvalorização desta em sua época, e afirmou ser impossível medir a contribuição de um bom professor na formação dos alunos. Ele chegou a declarar que ele mesmo, se pudesse ou tivesse que abandonar seu ministério de pregação e outras incumbências, nada mais desejaria tanto quanto ser professor.

Já acerca do compromisso com a fundação e manutenção de escolas públicas cristãs, em sua carta, Lutero fez uma advertência eclesiástica aos prefeitos que eventualmente discordassem da sua ideia de que era muito necessário educar crianças em massa. Lutero (2000, p. 16) afirmou que “nenhum pecado merece castigo maior”. O reformador tratou a tarefa de fundar escolas cristãs como urgente e buscou transmitir a necessidade dessa urgência e destacar a importância simultaneamente religiosa e secular da atividade educativa aos seus leitores prefeitos, evidenciado no trecho transcrito a seguir:

É urgente que se faça algo sério e a tempo neste sentido. Não apenas por causa dos jovens, mas também para preservar nossos estados clericais e seculares. [...] educar a juventude é um grande serviço. [...] Por isso, caros senhores, dediquem-se à tarefa que Deus exige de vocês tão insistentemente. É sua obrigação e é necessário para a juventude. Nem o mundo tampouco o espírito pode abrir mão disso (LUTERO, 2000, p. 40, grifo nosso).

Em síntese, para Barbosa (2011, p. 868), Lutero é “o grande propulsor da defesa do Estado como responsável pela educação escolar”, diante dos evidentes avanços, em



termos históricos, presentes em sua proposta educacional.

ASPECTOS DO CURRÍCULO ESCOLAR PROPOSTO POR LUTERO

Lutero elaborou diretrizes e fixou pressupostos para a condução da atividade educativa referentes aos conteúdos, ao público atendido, ao modo de ensinar e à organização da escola. Especificamente, convém mencionar que propôs um currículo, segundo Beck (1988, p. 87), “seu currículo se concentra no estudo das Escrituras, das línguas (latim, grego, hebraico), das artes liberais e em especial da história. Forma o homem que conhece as coisas, reconhece a ação de Deus no mundo, e conduz com prudência os negócios da família, sociedade e Igreja”.

Como parte do conceito de educação, como já citado anteriormente, o currículo também era, portanto, subsidiário da teologia, logo “[...] deve apoiar-se sobretudo no estudo das línguas, as antigas e a nacional, porque as línguas são ‘a bainha na qual está guardada a espada do Espírito’, o meio para se chegar a compreender a verdade do Evangelho” (CAMBI, 1999, p. 249). Para Lutero, a essência do currículo escolar deveria ser o texto bíblico, principalmente o estudo da Bíblia em diferentes línguas, algo enfatizado em sua obra como necessário, a fim de que a pregação do Evangelho pudesse ser feita a um maior número de pessoas, de modo que estas sejam religiosamente instrumentalizadas para a sua atuação social.

Lutero discute a objeção de que, para salvar-se, bastaria aprender a palavra de Deus no vernáculo. Responde que é preciso aprender as artes liberais e as línguas, a saber, o latim, o hebraico e o grego, para entender as Escrituras e saber conduzir os negócios seculares. Argumenta que só a restauração das línguas pelo Renascimento permitiu redescobrir o Evangelho e desmascarar o anticristo. Da mesma forma, só o cultivo das línguas permitirá entender e divulgar o Evangelho a todas as nações (BECK, 1988, p. 86).

Com uma preocupação cosmopolita, Lutero (2000, p. 52) mencionou em sua obra que dominar exclusivamente a língua alemã era insuficiente e falar outra língua era importante, “sobretudo nos tempos modernos, quando é necessário falar com mais pessoas do que apenas com o vizinho”. Na sua proposição curricular, Lutero enfatizou a necessidade de aprender línguas na escola, desde o alemão até latim e grego, passando por “outras matérias e História [...] e a sabedoria do mundo inteiro” (LUTERO, 2000, p.



37). A respeito disso, Cambi (1999, p. 248) expressa que “o modelo de cultura que o movimento reformador tem em mira para organizar as próprias escolas é o humanístico, baseado na prioridade das línguas e na centralidade da educação gramatical”.

Lutero (2000, p. 25) articulou as línguas ao texto sagrado e afirma serem também sagradas: “Deus santificou-as” e por isso precisam ser ensinadas, aprendidas e preservadas. Ele prescreveu o ensino de línguas em escolas cristãs, pois na sua perspectiva isso era imprescindível “para a vida espiritual e salvação das almas” (LUTERO, 2000, p. 34). Diante do exposto, Lutero enfatiza

[...] a ligação que Lutero fazia entre fé e linguagem. Uma é condição para que a outra possa ser realizada. A Bíblia, segundo ele, é a linguagem do Deus dos cristãos e conhecer essa linguagem, além de ser uma obrigação do fiel, é como que uma garantia da fé, que por sua vez é a condição de salvação para aquele que crê (TOLEDO, 1999, p. 133).

Algo interessante no currículo elaborado por Lutero (2000, p. 36) é a sua proposta didática. Sob essa perspectiva, criticou que o rigor excessivo e os castigos físicos não são uma boa estratégia disciplinar, pois geraria nada mais do que “um comportamento forçado”, além de transformar as crianças em “toras” (LUTERO, 2000, p. 36), isto significa que as deixaria duras e insensíveis. O caráter lúdico do currículo de Lutero (2000) torna-se evidente quando discorre que

a juventude tem que dançar e pular [...] não se pode impedi-la disso e nem seria bom proibir [...]. Por que então não criar para ela escolas desse tipo e oferecer-lhe essas matérias? Pela Graça de Deus está tudo preparado para que as crianças possam estudar línguas, outras matérias e História com prazer e brincando (LUTERO, 2000, p. 37).

Ao atender a uma necessidade inaugurada pelas transformações econômicas do século XVI, Lutero estabeleceu como uma das funções da escola o ensino profissional, embora sem fornecer detalhes sobre isso. Ele ressalta que a escola forme pessoas “com qualificação e capacidade” (LUTERO, 2000, p. 35).

Inseridos nesse panorama discursivo, é possível compreender que as proposições elaboradas por Lutero em termos de escola, currículo e método evidenciam os indícios de modernidade em sua proposta educativa.



OS FINS E OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO

Lutero defendeu a ideia de que ao investir em educação pública, os líderes políticos investiriam na própria cidade. Desse modo, efetuou uma relação entre educação e progresso, no sentido de desenvolvimento social.

Por isso certamente caberá ao conselho e às autoridades dedicarem o maior esforço à juventude. [...] Agora, o progresso de uma cidade não depende apenas do ajuntamento de grandes tesouros, da construção de grandes muros, de casas bonitas, de muitos canhões e da fabricação de muitas armas. Inclusive, onde há muitas coisas desse tipo e aparecem alguns loucos, o prejuízo é tanto pior e maior para aquela cidade. Muito antes, o melhor e mais rico progresso para uma cidade é quando ela tem muitas pessoas bem instruídas, muitos cidadãos sensatos, honestos e bem-educados (LUTERO, 2000, p. 19, grifo nosso).

Um dos pontos fundamentais da carta aos prefeitos alemães tem a ver com a relação entre escola e progresso, tanto que Lutero (2000) frisou a importância de os líderes pensarem no futuro de suas cidades e observarem os cidadãos jovens como os futuros substitutos:

Também o mundo precisa de homens e mulheres excelentes e capazes de manter seu estado secular exteriormente. Assim homens podem governar o povo e o país e as mulheres administrar bem a casa e educar os filhos e criados. Ora, tais homens devem surgir entre os meninos e tais mulheres entre as meninas. Por isso é urgente que se eduquem meninos e meninas para isso. [...] São príncipes e autoridades que deveriam fazê-lo (LUTERO, 2000, p. 35-36).

Nesse trecho é oportuno observar os papéis de gênero na obra de Lutero, que está longe das pretensões do presente trabalho aprofundar essa discussão. Porém, faz-se necessário ressaltar esse aspecto por refletir o momento e o contexto históricos do personagem. Também se evidencia que, embora Lutero tenha de fato proposto uma escola para todos, inovando consideravelmente para sua época, não defendeu uma proposta que se poderia chamar de igualitária. Barbosa (2011, p. 870) indica esse limite de sua



contribuição quando coloca que Lutero propõe uma educação popular, acessível a todos, independente de classe social, mas com objetivos formativos diferentes para as distintas classes sociais.

Um dos aspectos mais interessantes e de peso da obra de Lutero sobre a educação repousa no caráter público desta, rompendo com as propostas educativas medievais aristocráticas e, portanto, inacessíveis para a maioria das pessoas, ele

não só propiciou uma Reforma religiosa que permitiu a libertação das mentes aprisionadas pelo escolasticismo, [sic] como também se transformou no grande reformador educacional e pedagogo da modernidade, possibilitando a criação de um novo sistema escolar que defendia o direito universal à educação (JARDILINO, 2009, p. 43, grifo nosso).

Ao se tratar de escolas que, além de públicas, são cristãs, há também outro aspecto envolvido nessa proposta a ser entendido, ao qual Lutero se referiu como secular. Para ele, uma das características centrais da necessidade de oferecer educação pública cristã era formar pessoas cristãs para assumirem ou exercerem funções no âmbito secular, como ele evidenciou ao expressar que “sabemos, ou deveríamos saber, o quanto é necessário e útil e o quanto agrada a Deus quando um príncipe, uma autoridade, um conselheiro ou outra pessoa que deve governar é instruída e apta para exercer essa função de forma cristã” (LUTERO, 2000, p. 35). Toledo (1999, p. 134) considera que, para Lutero, “a educação escolar deve formar líderes religiosos e políticos para a condução da sociedade”. A proposta educativa defendida por Lutero pode e precisa ser interpretada como combativa, no sentido de que se preocupa em inserir e estabelecer pressupostos necessários à prática religiosa protestante na construção da ideia de escola a ser aderida pelos municípios.

A ESCOLA OBRIGATÓRIA E A FUNÇÃO EDUCATIVA DOS PAIS

Na carta de 1530, intitulada *Uma prédica para que se mandem os filhos à escola*, dedicada a Lázaro Spengler⁸ e destinada aos pregadores e pastores alemães, Lutero expôs suas recomendações, preocupações e convocou as autoridades, na pessoa de Lázaro, à imprescindibilidade dos pais de colocarem os filhos nas escolas. Lutero enviou

⁸ Síndico da cidade de Nuremberg e amigo de Lutero sobre o qual há poucas informações.



a referida carta para a cidade de Nuremberg de forma estratégica. Ele mesmo afirmou em seu texto que, de uma forma geral, os cidadãos desse município não eram os destinatários da sua exortação, e elogiou os gestores da cidade por terem seguido suas recomendações e investido em escolas. Contudo, embora Nuremberg não precisasse das recomendações de Lutero, ele direcionou a prédica à cidade com o intuito de que a sua mensagem se espalhasse, “pois Nuremberg brilha em toda Alemanha como um sol entre a lua e as estrelas. Aquilo que acontece lá influencia fortemente outras cidades” (LUTERO, 2000, p. 50).

Lutero (2000) orientou os pastores e pregadores sobre a indispensabilidade de instruir os fiéis a respeito da necessidade de enviar as crianças à escola. Pois, segundo ele, o diabo incutia nas pessoas a ideia de que, se já não havia mais conventos para enviar os filhos com objetivo de torná-los padres ou freiras, não era necessário mandar ninguém para a escola, pois não havia perspectivas formativas para além da vida monástica católica (LUTERO, 2000, p. 58).

O desenvolvimento da prédica de Lutero é dividido em duas grandes partes. Na primeira, o reformador se dedicou a explicar a *Necessidade de formar para o Ministério da Igreja*, salientando os benefícios de fazê-lo e os prejuízos do contrário, além de enfatizar que o público-alvo da escola proposta por ele são todas as pessoas, independente de virem a tornar-se pregadores do Evangelho. Já na segunda parte, Lutero discorreu sobre a relevância de *Educar para a sociedade e o governo secular*, destacando igualmente os benefícios da formação escolar e, em contraponto, advertindo sobre os malefícios de não fazê-lo.

De forma enérgica, uma característica da sua escrita, Lutero (2000, p. 95) advertiu os fiéis, possíveis ouvintes dos sermões que “se você tem um filho apto para o estudo e condições de mandá-lo estudar, mas não o faz, então você age contra a autoridade [...] como o próprio diabo”. Conforme Toledo (1999, p. 134), o raciocínio de Lutero preocupa-se em mostrar que “mandar uma criança à escola é encaminhá-la para Deus” e, portanto, não o fazer, seria o contrário. Lutero (1995, p. 362) indicou ao amigo Lázaro que as autoridades “podem e devem obrigar os súditos a mandarem os filhos à escola”, colocando, assim, em sua obra mais uma ideia presente na escola moderna: a obrigatoriedade institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Embora Martinho Lutero não tenha feito da educação um tema central da sua obra, é correto argumentar que os seus escritos e a sua atuação contribuíram decisivamente para lançar as bases da escola pública moderna como hoje se conhece. Isso vale tanto para a pedagogia moderna quanto para o método de ensino e a didática da escola. Foram muitas as inovações proporcionadas por Lutero para o campo da educação, as quais se procurou abordar no decorrer deste estudo.

As contribuições mais importantes de Lutero para a educação se situam nas fronteiras pouco delimitadas em sua obra entre a religião e a educação. Sua concepção de educação é subsidiária da teologia. Contudo, não ficou restrita ao plano religioso, mas também teve ampla incidência na sociedade, na política, na economia e na história. A proposta de educação de Lutero respondeu aos anseios de uma época, o Renascimento, e colaborou para a formulação de uma pedagogia moderna que superasse a mentalidade escolástica.

Entre as principais contribuições luteranas à educação, destacam-se: a escola como direito de todos e dever do Estado; o financiamento público da educação básica (especialmente pelos municípios); a gratuidade do ensino; o acesso das classes populares à educação, especialmente os mais pobres, e não apenas as elites; a obrigatoriedade da frequência das crianças à escola e a consequente responsabilização de pais e autoridades pelo não cumprimento desse preceito; o destaque da função educativa dos pais e da necessidade de colaboração com escola; o ensino profissionalizante voltado para o trabalho; o uso de atividades lúdicas, brincadeiras, jogos e danças como metodologia de ensino; a preocupação com a formação, valorização e remuneração dos professores; a consideração do interesse da criança na educação; a defesa de um edifício escolar adequado, com uma boa biblioteca (para conter “a sabedoria do mundo inteiro”), entre outros. Todas essas ideias, já presentes na obra de Lutero, acabaram sendo assumidas pelo Estado moderno, no âmbito da legislação educacional entre as diferentes nações e constituem, portanto, um inestimável legado de Lutero à humanidade. Contudo, o principal argumento luterano em favor da educação é teológico: a educação é uma condição para a salvação. Portanto, para se salvar, o ser humano precisa ser educado.

Todas essas inovações de Lutero contrastam com algumas contradições da sua vida. O reformador tinha um grande poder de persuasão, ao se ler seus escritos fica fácil perceber que desenvolveu e utilizou bem a habilidade de argumentar a favor de suas ideias e convencer os interlocutores, usando diversas estratégias para isso – inclusive o medo. O diabo, os pecados, a alma e diversos outros recursos do imaginário religioso são



lançados no seu discurso, como flechas a um alvo, com o objetivo de ter suas concepções não só aceitas como postas em prática. Para além de explicar uma proposta educativa em seus escritos, ele os utilizava como uma arma ideológica para atacar a sua inimiga, a Igreja Católica, chamando-a claramente de ladra e inferindo que a sua lógica educativa adotada na época, na qual o próprio Lutero havia estudado e uma das poucas existentes, era diabólica, o que evidencia a sua preocupação ideológica na elaboração de uma proposta educativa.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L. M. R. Estado e educação em Martinho Lutero: a origem do direito à educação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 144, p. 866-885, 2011.
- BECK, N. **Igreja, sociedade e educação**: estudos em torno de Lutero. Porto Alegre: Concórdia, 1988.
- CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. **Os tradutores na história**. São Paulo: Ática, 1998.
- DELUMEAU, J. **Nascimento e afirmação da reforma**. São Paulo: Pioneira, 1989.
- DREHER, M. N. Aspectos humanos na vida de Lutero. Reflexões em torno de Lutero. **Portal Luteranos**, 1 set. 1988. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/textos/aspectos-humanos-na-vida-de-lutero>>. Acesso em: 24 fev. 2021.
- EBELING, G. **O pensamento de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- FEBVRE, L. **Martinho Lutero, um destino**. 2. ed. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- JARDILINO, J. R. L. **Lutero e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- LAWSON, S. J. **A heroica ousadia de Martinho Lutero**. São José dos Campos: Fiel, 2013.
- LUTERO, M. Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. In: LUTERO, M. **Educação e Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, Concórdia, 2000.
- LUTERO, M. Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. In: LUTERO, M. **Obras selecionadas**, v. 5. São Leopoldo: Sinodal, Concórdia, 1995.
- LUTERO, M. Uma prédica para que se mandem os filhos à escola. In: LUTERO, M. **Educação e Reforma**, São Leopoldo: Sinodal, Concórdia, 2000.
- LUTERO, M. Uma prédica para que se mandem os filhos à escola. In: LUTERO, M. **Obras selecionadas**, v. 5. São Leopoldo: Sinodal, Concórdia, 1995.
- MENEZES, A. A. S. **Sobre o papel da educação na concepção religiosa de Martinho Lutero**. 2005. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá. Disponível em:



<http://www.ppe.uem.br/SITE%20PPE%202010/dissertacoes/2005-Arlete_Menezes.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2021.

NICHOLS, S. J. **Além das 95 teses**: a vida, o pensamento e o legado de Martinho Lutero. São José dos Campos: Fiel, 2017.

NUNES, C. **Ide, ensinai a todos**: os 500 anos da pedagogia luterana. 1. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2017.

TOLEDO, C. A. A. A questão da educação na obra de Martinho Lutero. **Acta Scientiarum**, v. 1, n. 21, p. 129-135, 1999.